

CADEIA PRODUTIVA DA OVINOCULTURA NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DESCRITIVO

João Garibaldi Almeida Viana*
Vicente Celestino Pires Silveira**

RESUMO: A ovinocultura é uma das principais atividades pecuárias desenvolvidas no Estado do Rio Grande do Sul. Os estudos e pesquisas que definem a estrutura de cadeias produtivas, principalmente os vinculados à cadeia da carne ovina, ainda são muito restritos. O objetivo do presente trabalho foi descrever a cadeia da ovinocultura no Rio Grande do Sul a fim de caracterizar cada elo do processo produtivo e identificar potencialidades e limitações da atividade. A presente pesquisa seguiu o referencial de estudos desenvolvidos com base nas teorias de delimitação de cadeias agroindustriais. A pesquisa se concentrou na produção da metade sul do Rio Grande do Sul. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com membros-chave da cadeia ovina, além de utilizar-se a observação participante. A cadeia produtiva da ovinocultura está segmentada nos elos indústrias de insumos, produção ovina, indústrias processadoras de carne e lã, distribuição/varejo e consumidor final. Evidenciou-se a entrada significativa de carne ovina procedente do Uruguai. A carne importada compete diretamente com a carne ovina do Rio Grande do Sul. Os principais mercados são restaurantes e supermercados da Região Sudeste do Brasil. A estrutura apresentada demonstra que ações com o objetivo de aumentar a competitividade da cadeia devem dar atenção à qualidade dos animais, à diversificação de cortes e a estratégias de marketing. Pesquisas que venham a estudar as preferências dos consumidores e apontar estratégias para elevar o consumo poderão complementar o presente estudo e trazer elementos importantes para a consolidação do mercado de carne ovina.

PALAVRAS-CHAVE: Cadeia Produtiva; Carne Ovina; Ovinos.

* Doutorando em Agronegócios na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria-RS – UFSM; Zootecnista. E-mail: joagaribaldi@brturbo.com.br

** Docente Dr. do Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: vicentesilveira@smail.ufsm.br

SHEEP PRODUCTION CHAIN IN RIO GRANDE DO SUL: A DESCRIPTIVE STUDY

ABSTRACT: The sheep farming is a major activity undertaken in the State of Rio Grande do Sul. The studies and researches that define the production chains structure, especially those linked to the chain of lamb production, are still very limited. The objective of this study was to describe the chain of sheep production in Rio Grande do Sul in order to characterize each link of the production process and identify strengths and limitations of the activity. This research followed the list of studies based on developed theories for delineation of agro-industrial chains. The research focused on the production of the southern half of Rio Grande do Sul. There were applied semi-structured interviews with key members of the sheep chain, and used participant observation. The sheep productive chain industry is targeted in input links, sheep production, industrial processing of meat and wool, distribution/retail and final consumer. It was evident and significant the lamb entry coming from Uruguay. The imported meat competes directly with the lamb of Rio Grande do Sul. The main markets are restaurants and supermarkets in southeastern Brazil. The structure presented shows that actions aimed at increasing the competitiveness of the chain must pay attention to the quality of animals, the cut diversification and marketing strategies. Researches that will investigate consumer preferences and strategies aim to raise the consumption and could complement this study bringing important elements for the consolidation of the lamb market.

KEYWORDS: Supply Chain; Lamb; Sheep Production.

INTRODUÇÃO

A ovinocultura é uma das principais atividades pecuárias desenvolvidas no Estado do Rio Grande do Sul. Seu estabelecimento como exploração econômica se deu no começo do século XX, com a valorização da lã no mercado internacional, e a partir da década de 1940, com o incremento tecnológico da produção. A atividade passou por períodos de progresso e de crise, porém a tradição da ovinocultura no Sul do Estado se consolidou como atividade quase sempre integrada à bovinocultura de corte.

O período de crise na atividade surgiu no final da década de 1980, em con-

sequência dos altos estoques australianos de lã e do início da comercialização de tecidos sintéticos no mercado têxtil internacional. A crise se manteve ao longo da década de 1990, o que fez muitos produtores desistir da atividade, o que levou a significativa redução do rebanho comercial, gerando a desestruturação de toda a cadeia produtiva.

Não obstante, o aumento do poder aquisitivo da população e o incremento do abate de animais jovens trouxeram um novo mercado para a ovinocultura. A carne ovina começou a ser apreciada, o que levou a uma maior demanda de consumo, indicando um excelente potencial para se tornar um produto substituto no mercado.

Os preços do cordeiro tiveram considerável elevação na última década (VIANA; SOUZA, 2007), fazendo os produtores vislumbrarem um novo mercado. A tendência é de declínio do consumo nas propriedades e de comercialização de carne ovina por meio de feiras e açougues, crescendo a possibilidade de comercialização em supermercados e restaurantes (BARRETO NETO, 2004).

A sazonalidade produtiva da atividade, a inexistência de um mercado constante, a exigência de uma oferta regular de animais, a necessidade de escala para comercialização e a busca por animais jovens por parte dos frigoríficos são dificuldades enfrentadas pelos produtores na comercialização de animais para abate via mercado.

Silveira (2005) destaca aspectos relevantes para o estudo e delimitação da cadeia da ovinocultura: o potencial socioeconômico da atividade na Região Sul do Rio Grande do Sul; a tradição da atividade entre os gaúchos, que desenvolveram vocação e tecnologias de produção apropriadas; a presença de recursos naturais disponíveis e ambiente favorável para a criação ovina; a necessidade de recuperação do setor agropecuário no Estado; e, principalmente, a crescente demanda por carne ovina de qualidade, que se traduz em uma oportunidade de mercado praticamente inexplorada.

Os estudos e pesquisas que definem a estrutura de cadeias produtivas, principalmente os vinculados à cadeia da carne ovina, ainda são muito restritos. Delimitar o sistema agroindustrial da carne ovina de forma mais ampla, para Silva (2002), é muito complexo, devido às especificidades e à distribuição espacial da produção. Desta forma, destaca-se a importância de realizarem-se estudos de caso para a melhor compreensão do seu funcionamento. Assim, estudos que buscam delinear o sistema agroindustrial da ovinocultura estarão contribuindo de forma positiva para futuras intervenções que visem ao aumento da competitividade da cadeia, além de incentivar e servir de base para futuras pesquisas.

Destarte, o objetivo do presente trabalho foi descrever a cadeia da ovinocultura no Rio Grande do Sul, a fim de caracterizar cada elo do processo produtivo

e identificar potencialidades e limitações da atividade, de modo a servir de base para futuras pesquisas.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa seguiu o referencial de estudos desenvolvidos com base nas teorias de delimitação de cadeias produtivas. A perspectiva de cadeias produtivas agrícolas teve início a partir dos trabalhos de Davis e Goldberg, responsáveis pela introdução do termo *Agribusiness* na literatura mundial (GOLDBERG, 1968). Seus ensaios vieram com o intuito de compreender, de forma sistêmica, as novas tendências do mundo agrícola, baseadas na mudança do padrão tecnológico, principalmente no Pós-Guerra, e no maior relacionamento entre os diversos segmentos produtivos.

Esses estudos originaram uma nova abordagem metodológica para a melhor compreensão dos setores produtivos: o *Commodity System Approach*, exemplificado no trabalho de Goldberg (1968). A escola francesa de economia apresentou um modelo semelhante de análise, que ficou caracterizado como Análise de *Filière*.

Os estudos de cadeias agroindustriais no Brasil tiveram início na década de 1990. Destacam-se os trabalhos de Batalha (2001) e Zylbersztajn e Neves (2005) que desenvolvem métodos aplicados às peculiaridades dos sistemas produtivos locais. Para descrever a cadeia da ovinocultura no Rio Grande do Sul buscou-se a estrutura teórica proposta por Zylbersztajn e Neves (2005) a partir do enfoque de *Sistemas Agroalimentares* (SAGs).

A pesquisa se concentrou na produção da metade sul do Rio Grande do Sul. A escolha desta região e do tema a ser estudado passou pela observação do panorama da produção ovina. Constatou-se a existência de um grande potencial para o incremento da produção na região da Campanha, principalmente com relação à carne ovina.

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com membros-chave da cadeia ovina a fim de descrever a estrutura e as características de cada elo produtivo. As entrevistas foram realizadas com sete produtores rurais dos municípios de Dom Pedrito, Santana do Livramento e São Gabriel, a fim de levantar questões sobre a estrutura da cadeia produtiva, bem como identificar os manejos reprodutivos, gerenciais e sanitários utilizados, informações sobre a comercialização dos principais produtos e os principais problemas enfrentados atualmente pela ovinocultura. As entrevistas também foram aplicadas a gerentes de produção de três importantes frigoríficos de ovinos do Rio Grande do Sul e ao presidente de

uma importante cooperativa de lãs da metade sul do Rio Grande do Sul.

Além das entrevistas, utilizou-se a observação participante, em que o pesquisador se insere no objeto de trabalho, participando dos processos produtivos. A observação é uma técnica de coleta de dados que permite obter informações e examinar fenômenos ou fatos que se deseje estudar. Permite um contato mais direto do pesquisador com a realidade, possibilitando evidenciar dados não constantes em entrevistas ou questionários (LAKATOS; MARCONI, 1986).

Os dados oriundos das entrevistas e da observação participante foram analisados e estruturados a fim de desenvolver um encadeamento dos processos produtivos e descrever o ciclo da atividade desde a indústria de insumos até o consumidor final.

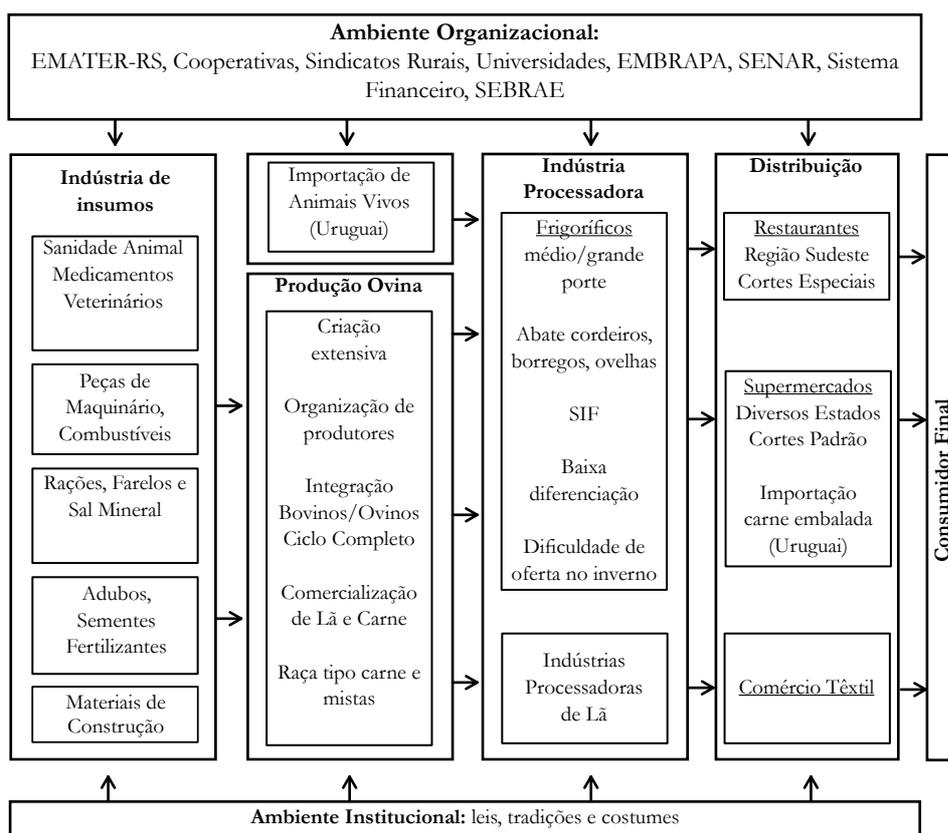


Figura 1. Cadeia produtiva da ovinocultura no Rio Grande do Sul

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As características de cada segmento da cadeia são discutidas a seguir, com o objetivo de compreender o funcionamento da cadeia da ovinocultura no Sul do Rio Grande do Sul (figura 1, p. 13).

3.1 INDÚSTRIA DE INSUMOS

As principais fornecedoras de insumos para a cadeia da ovinocultura são as indústrias de medicamentos veterinários, sementes, adubos, suplementação animal, peças para maquinário e material para conservação de benfeitorias.

Os produtores de ovinos apresentam maiores despesas com os cuidados sanitários dos rebanhos, destacando-se os medicamentos curativos e preventivos. Os insumos pertencentes à alimentação animal também são demandados em produções mais intensivas.

Assim, podem-se destacar os produtos necessários para a implementação, cultivo e conservação de pastagens, como adubos, fertilizantes e sementes, e os produtos de suplementação animal, como farelos, rações e sal mineral. A relação entre as indústrias de insumos e os produtores está firmada no mercado. A aquisição de insumos é livre, baseada no mecanismo de preços.

3.2 PRODUÇÃO OVINA

A atividade econômica analisada neste trabalho está localizada na metade sul do Rio Grande do Sul, região caracterizada por apresentar campos finos de excelente qualidade, próprios para a produção pecuária. As propriedades ovinocultoras apresentam tamanhos diversos, podendo ser caracterizadas como de extensão média a grande.

Os sistemas produtivos são variados, predominando a produção de bovinos de corte aliada à ovinocultura de ciclo completo, em que a bovinocultura de corte é a principal exploração econômica. As principais raças exploradas são: Ideal, Corriedale, Texel e Cruzas, o que traz a possibilidade de receita proveniente da comercialização tanto da lã como de carne (cordeiros).

A lã ainda é uma importante fonte de receita, porém, com a desvalorização do preço do produto e a maior demanda por carne ovina, os sistemas produtivos tendem a dar cada vez mais atenção à produção de cordeiros. O produto lã é comercializado para as chamadas “barracas”, que armazenam, qualificam e distribuem a lã para as indústrias. Algumas propriedades da região são coopera-

tivadas.

Predomina na atividade a criação de caráter extensivo, entretanto foi observado o início de organizações de produtores que tendem a dar mais atenção a questões de alimentação e qualidade dos animais, em vista da exigência de um ativo mais específico por parte da indústria.

3.3 INDÚSTRIA PROCESSADORA

Três importantes indústrias processadoras foram identificadas e analisadas. A indústria 1, de médio porte, localizada no município de Dom Pedrito, abate 6.000 ovinos por mês. A empresa adquire animais provenientes do Rio Grande do Sul, além de importar animais vivos do Uruguai. O destino da carne processada é a Região Sudeste, com a distribuição de cortes especiais para restaurantes.

A indústria 2 está localizada no município de Montenegro, frigorífico de grande porte, de propriedade de uma grande rede de supermercados, que abate ovinos esporadicamente (360 animais/mês) para atender à demanda de sua rede de varejo. A carne é distribuída em forma de cortes-padrão (paleta, costela e pernil) para supermercados do Rio Grande do Sul.

A indústria 3 se destaca como um grande processador de carne bovina e ovina do Estado. A exigência da indústria 3 para compra dos ovinos é que os animais tenham de três a dezoito meses de idade e 25 kg a 45 kg de peso vivo. O frigorífico comercializa tanto carcaças *in natura* como cortes já embalados, recebendo o selo do Sistema de Inspeção Federal (SIF), que possibilita a venda do produto para qualquer região do País.

A indústria ainda se responsabiliza pelo frete e pelo pagamento de técnicos que selecionam os animais. O destino da carne são supermercados do Rio Grande do Sul (cortes-padrão), Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco (cortes-padrão e especiais).

As indústrias processadoras de lã são, em sua maioria, empresas multinacionais que adquirem a lã bruta de cooperativas e barracas de lã para o processamento do produto, limpeza, qualificação e fiação para a venda do produto ao comércio têxtil.

3.4 DISTRIBUIÇÃO E VAREJO

As principais redes de distribuição da carne ovina produzida pelos produtores da metade sul são restaurantes e redes de hiper/supermercados. Os restaurantes adquirem a carne já processada em cortes especiais para esses estabelecimentos.

Os hiper e supermercados que comercializam a carne ovina dos produtores

estão localizados no Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Para algumas redes o frigorífico vende carcaças inteiras e o estabelecimento varejista se responsabiliza pela formação e embalagens dos cortes. Em outros casos o frigorífico comercializa os cortes já embalados, destacando-se os cortes paleta, costela e pernil.

A carne é comercializada resfriada e congelada e é apresentada para o consumidor como um produto diferenciado e de qualidade superior. Há contratos formais de distribuição para as redes de hiper/supermercados.

Um dos grandes desafios da cadeia está em competir com a carne ovina uruguaia, a qual ainda é encontrada em grande quantidade nos balcões de venda do varejo. Esta carne apresenta um preço competitivo, quase sempre inferior à carne brasileira, e contém supostamente uma “grife” como carne superior.

Os preços pagos pelo consumidor, segundo pesquisa realizada por Viana e colaboradores (2007) no município de Santa Maria-RS, são, em média, R\$ 6,00 para o quilo de costela, R\$ 9,00 para o de paleta e R\$ 10,00 para o de pernil. Estes valores demonstram que a carne ovina não apresenta preços de compra elevados, competindo diretamente em preço com as carnes bovina, suína e de aves.

O *marketing* da carne ovina é um objetivo a ser seguido, o aumento do consumo em massa deve ser a meta para elevar a competitividade da cadeia. O elo de distribuição/varejo tem a responsabilidade de realizar promoções de marketing e ouvir as preferências dos consumidores.

3.5 AMBIENTE ORGANIZACIONAL

As organizações exercem papel decisivo no funcionamento da cadeia. As organizações que se destacam na assistência aos produtores são os sindicatos rurais e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que disponibilizam espaço físico e corpo técnico para a realização de cursos de aprimoramento técnico nas atividades rurais.

O Sebrae também contribui com a coordenação da cadeia, com o serviço de apoio à ovinocaprinocultura, realizando reuniões e palestras com produtores e representantes do poder público local. A Emater-RS mantém projetos de auxílio à pecuária familiar, estimulando a produção ovina como fonte de renda para pequenos e médios produtores.

A Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos (ARCO) é responsável por todo o controle genealógico dos rebanhos ovinos e presta serviços técnicos a todos os seus associados. O incremento tecnológico e as inovações técnicas nos sistemas produtivos são obtidos junto às instituições de pesquisa, como a Embrapa e as universidades de todo o Estado.

O crédito também é destacado no ambiente organizacional. O Plano Agrícola e Pecuário de 2006/2007 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) previu, por meio do Prodeagro, um crédito de investimento no total de 500 milhões de reais para uma série de atividades agropecuárias, entre elas a ovinocultura. Outras fontes de crédito disponíveis estão em bancos privados, que oferecem créditos agrícolas de diversos tipos, destacando-se crédito para compra de reprodutores e matrizes.

3.6 AMBIENTE INSTITUCIONAL

As leis, os costumes e a tradição configuram-se como as regras e valores que permitem a interação dos atores dos diversos segmentos. Estes valores têm sido os responsáveis pela manutenção da atividade diante das crises enfrentadas nas últimas décadas, bem como pelo início da organização de produtores a fim de aumentar a eficiência na comercialização dos produtos. Os valores morais, os costumes e a tradição são aspectos importantes na manutenção de possíveis acordos de longo prazo com os frigoríficos.

3.7 CARACTERÍSTICAS TÉCNICO-PRODUTIVAS DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE OVINOS

As propriedades apresentam área de 632 a 1309 hectares, sendo a área utilizada com a criação ovina de 9% a 34% da área agrícola utilizável. A principal atividade econômica desenvolvida em todas as propriedades é a bovinocultura de corte, sendo a ovinocultura uma atividade secundária.

Ferramentas de gestão são utilizadas em apenas três propriedades. Os proprietários utilizam softwares e planilhas eletrônicas para controle de custos, fluxo de caixa e registro de movimentação animal. Cabe destacar que a gestão de custos dos sistemas produtivos ainda é pouco utilizada pelos produtores da região.

Os custos de produção, importante ferramenta de análise econômica, para IEL/CNA/SEBRAE (2000), são variáveis desconhecidas pela imensa maioria dos produtores brasileiros, sendo esse desconhecimento um importante ponto de estrangulamento da cadeia produtiva pecuária, já que essas informações são imprescindíveis para o processo de tomada de decisões.

O manejo reprodutivo passa pela aquisição de reprodutores em feiras especializadas para a utilização em matrizes selecionadas e reposição própria para a utilização em rebanho geral. O período de monta está concentrado entre os meses de fevereiro a abril, utilizando-se monta a campo e monta controlada. Alguns produtores ainda utilizam inseminação artificial, método que é considerado

mais trabalhoso, porém proporciona melhores resultados na geração de animais superiores. A inseminação artificial é um método que gera maiores despesas, o que poderá resultar no aumento dos custos com insumos.

O controle sanitário é rigoroso. A criação ovina necessita de alto controle sanitário, em face do elevado índice de doenças parasitárias que afetam o desempenho dos animais. As propriedades se valem de exames laboratoriais para a identificação de verminoses e de dosificação estratégica para prevenir e curar os animais das enfermidades.

O manejo alimentar se faz com pastagem nativa e pastagem cultivada, preferencialmente com o cultivo de azevém e aveia. A suplementação alimentar com base em rações e farelos é utilizada esporadicamente. A mineralização é feita à base de sal mineral, o que estimula o consumo e supre as exigências dos principais macrominerais.

A maioria das propriedades recebe assistência técnica de profissionais especializados na produção animal. Os técnicos auxiliam principalmente nas tarefas de produção - como reprodução, sanidade e nutrição. A mão-de-obra permanente é representada por até quatro funcionários, dos quais nenhum é exclusivo para a atividade ovina.

Os produtores comercializam todas as categorias de animais (ovelhas, capões, cordeiros, borregos e carneiros); entretanto inicia-se planejamento no sentido de que os produtores comercializem apenas cordeiros, de cinco a seis meses de idade e peso de até 40 kg (exigência da indústria por um ativo de maior especificidade).

O crédito rural voltado à ovinocultura é utilizado em apenas três propriedades, onde se destacam o crédito de custeio - voltado à aquisição de insumos, implementação de pastagens e controle sanitário - e o crédito para aquisição de reprodutores e matrizes.

Os principais problemas enfrentados dentro do sistema de criação ovina, conforme os produtores pesquisados são: as doenças parasitárias, as miíases, doença do casco, a baixa escala de comercialização, a falta de aporte alimentar durante o ano, mão-de-obra pouco especializada e o abigeato.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cadeia produtiva da ovinocultura no Rio Grande do Sul está segmentada nos elos: indústrias de insumos, produção ovina, indústrias processadoras de carne e lã, distribuição/varejo (supermercados, restaurantes e comércio têxtil) e consumidor final.

Os frigoríficos abatem animais de diversas categorias, ou seja, a carne ovina de qualidade, proveniente de cordeiros, não é a única comercializada. Ressalta-se a importação significativa de animais do Uruguai para abate, tendo como causa principal a sazonalidade da produção ovina.

A estrutura apresentada demonstra que ações que objetivem aumentar a competitividade da cadeia devem dar atenção à qualidade dos animais (elo do produtor), à diversificação de cortes (elo da indústria) e a estratégias de *marketing*, a fim de elevar o consumo (elo do varejo).

Pesquisas que venham a estudar as preferências dos consumidores em relação à carne ovina e apontar estratégias para elevar seu consumo poderão complementar o presente estudo e trazer elementos importantes para a consolidação desse mercado.

REFERÊNCIAS

BARRETO NETO, A. D. B. Análise sistêmica e mercadológica aplicada a definição de objetivos de seleção em ovinos santa inês. In: SIMPÓSIO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MELHORAMENTO ANIMAL, 5, 2004, Pirassununga. **Anais...** São Paulo, SP: USP, 2004. Disponível em: <<http://www.sbmaonline.org.br/anais/v/palestras/palest10.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2005.

BATALHA, M. O. **Gestão Agroindustrial**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2001.

GOLDBERG, R. A. **Agribusiness coordination: a systems approach to the wheat, soybean and Florida orange economies**. Division of research. Graduate School of Business Administration. Boston: Harvard University, 1968.

IEL/CNA/SEBRAE. **Estudo sobre a eficiência econômica e competitividade da cadeia agroindustrial da pecuária de corte no Brasil**. Brasília, DF: IEL, 2000. Disponível em: <<http://www.cna.org.br>>. Acesso em: 14 maio 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Editora Atlas, 1986.

SILVA, R. R. **O agronegócio brasileiro da carne caprina e ovina**. Salvador,

Ba: R. R. da Silva, 2002.

SILVEIRA, H. S. **Coordenação na cadeia produtiva de ovinocultura: o caso do conselho regulador Herval Premium**. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VIANA, J. G. A. et al. Comercialização da carne ovina no varejo de Santa Maria-RS: preços, origem e apresentação do produto. In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA, 22, 2007, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria, RS: UFSM, 2007. (CD-ROOM).

VIANA, J. G. A.; SOUZA, R. S. Comportamento dos preços dos produtos derivados da ovinocultura no Rio Grande do Sul no período de 1973 a 2005. **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v. 31, n. 1, p. 191-199, 2007.

ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson, 2005.

Recebido em 05 ago. 08

Aceito em 12 jan. 09